

Celacanto provoca maremoto: o primeiro grafite

Celacanto provoca maremoto. A frase aparecia em todo lugar, impressionando. O olhar era atraído como se a palavra fosse um ímã. *Celacanto?* O som era bonito, agradável de pronunciar, como se fosse provençal, uma palavra elaborada lentamente nas teias culturais que cruzam os países latinos do Midi. Mas um maremoto provocado por um ser (ainda que de proporções descomunais ou mítico), não era crível. Certamente tratava-se de uma mensagem. Todos logo entenderam que *celacanto*, esse enigmático sujeito capaz de proeza titânica, chegaria a qualquer momento. Ainda que houvesse dúvida quanto à natureza de *celacanto*, "ele" pairava nas conversas nos bares. Pode-se mesmo dizer que *celacanto* estava entre nós todos, "habitava" os nossos desejos e sonhos. Adquirira uma existência virtual: vivia através da comunicação entre as pessoas, circulava nas interjeições - "cuidado, *celacanto* provoca maremoto!" E foi assim que *celacanto* tornou-se um personagem visado pela polícia política. Soubemos disto indiretamente, através dos alcagüetes e espiões que circulavam em volta de qualquer pequeno agrupamento de estudantes nos corredores ou cantinas das faculdades. Obviamente a mensagem era cifrada. Pois não era apenas o que denotava: um monstro marinho, ou, segundo pesquisas, um ser marinho antediluviano que vivia nas profundezas do Oceano Índico. Contudo a denotação era mero veículo de outro significado, a sua conotação, ou seja, segundo nossa interpretação, a derrubada do *status quo* ou revolução e que, lida por meio da relação *celacanto-maremoto*, implicava, sem que o soubéssemos, uma inversão da doxa. Assim como uma pessoa que, no meio de movimentada avenida no centro da cidade, ao olhar para o alto de um edifício atrai o olhar de outros transeuntes em busca de um imaginário suicida ou mulher que faz *streap tease* na janela de um escritório qualquer, essa busca do inédito e maravilhoso transformava a vida real em sonho. Assim é se lhe parece, disse Pirandello e captou, de um golpe, a essência mais profunda do ser social que somos. A poesia invadia, deste modo, o cotidiano de um país mergulhado na certeza inabalável dos números, grandezas, extensões e todo essa coisa de crescimento, bolo, *pib* e *per capita amém*. Acontecimento inaugural de uma época de mudanças - *celacanto*, ao chegar, mostrar-se-ia através do maremoto por ele provocado e, portanto, *era* o maremoto - seria, certamente, precedido por uma série de sinais, de indícios, de perturbações sutis que apenas os iniciados seriam capazes de detectar e compreender. E assim, entre conversas, sonhos, discussões, rachas, adesões, manifestações, papéis, muitos papéis, à espreita de *celacanto*, se passaram os dias, meses e anos de nossas vidas. Para alguns não bastou ter uma idéia na cabeça. E ter armas na mão pareceu-lhes indispensável para provocar o maremoto tão ansiosamente esperado e sempre adiado. Muito longe, em perdidos rincões, *celacanto* resolveu que a hora propícia havia finalmente chegado. Ainda hoje estamos desenterrando as ossadas desses antigos companheiros. Depois veio um tempo de desesperança e os cabelos brancos e o pensamento "será que foi tudo em vão?" martelando na mágoa de uma tempestade que não desabou em sua fúria. Que ficou como uma paisagem no horizonte distante da memória. Como um personagem de *National Kid*, *celacanto* foi o primeiro, único e verdadeiro grafite que, nas asas da clandestinidade desafiou a ditadura militar e pertence, de direito, à nossa geração.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1998, por ocasião dos 30 anos decorridos do Ato Institucional nº. 5.